



**Daniel Andrade
Diego Nogueira Dantas
Wagner Morais
(Organizadores)**

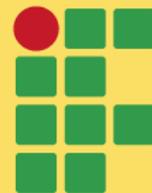
III Coletânia Poesia de Quarta

ORGANIZADORES

Daniel Andrade:
É Bibliotecário do IFPE
Campus Pesqueira, e
coordenador do Projeto de
Extensão Poesia de Quarta
desde 2018.

Diego Nogueira Dantas:
É Técnico em Assuntos
Educaçãois do IFPB
Campus Cajazeiras-PB.

Wagner Morais:
É aluno do Bacharelado em
Engenharia Elétrica do
IFPE Campus Pesqueira-
PE. Também é Bolsista do
Projeto Poesia de Quarta.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Pernambuco

IFPE Campus Pesqueira:

BR 232, Km 214, Loteamento
Redenção, Prado, Pesqueira
- PE, 55200-000.

Daniel Andrade
Diego Nogueira Dantas
Wagner Morais
(Organizadores)

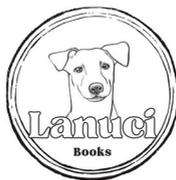
III Coletânea
**POESIA DE
QUARTA**



Pesqueira-PE
2023

Daniel Andrade
Diego Nogueira Dantas
Wagner Morais
(Organizadores)

III Coletânea
**POESIA DE
QUARTA**



Pesqueira-PE
2023



REVISÃO GRAMATICAL
Diego Nogueira Dantas
Jose de Arimateia Tavares

DIAGRAMAÇÃO
Coletivo Poesia de Quarta
Daniel Everson da Silva Andrade

ARTE DA CAPA
Jimmy Marccone

COLABORADOR
Jose de Arimateia Tavares

TIPOGRAFIA
Kingthings Trypewriter 2
Lumios Trypewriter Tape
Noot

Catálogo na fonte:
Daniel Andrade N°CRB4/PE 1871/0

III Coletânea Poesia de Quarta / Organizadores Daniel Andrade, Diego Nogueira Dantas e Wagner Morais; colaborador Jose de Arimateia Tavares.-Bezerros: Lanuci Books, 2023.

98 p.

O livro também está disponível em PDF.

ISBN:978-65-00-85238-7.

1. Literatura Brasileira 2. Poesia Marginal I.
Título.

82(81)-1 CDU (2.ed.)

PONTES, OLHARES, HORIZONTES...

O Sarau (ou Coletivo) "Poesia de Quarta" nasceu de inquietudes nos idos de fevereiro de 2018. Como todo processo extensionista deve ser, a referida ação foi executada em regime de parceria, desta feita com o Núcleo de Extensão Cultura (NEC), vinculado ao Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campus de Cajazeiras-PB. O local exato de sua realização foi a sede do NEC/UFCG, antiga estação ferroviária da cidade. A edificação ainda conserva boa parte da tradicional arquitetura deste tipo de equipamento, constituindo-se, já à primeira vista, em um local inspirador para a celebração poética. Apesar da presente centralidade, desde o início, o processo conta com pessoas de outras localidades da região.

O sarau nasceu com o objetivo de fomentar um espaço onde escritores, poetas e demais interessados em poesia possam se encontrar para dialogar e divulgar suas produções. Durante os anos de 2018, 2019 e início de 2020 os encontros ocorreram de forma presencial, acontecendo uma vez por mês. Pode-se destacar como marca indelével a diversidade de público,

das mais variadas gerações, gêneros, classes e cores. Também se destaca a variedade de jornada, contando com a participação de poetas experientes e jovens iniciantes nesta arte. Há, portanto, um comprometimento do sarau em ser uma porta de entrada para as juventudes no mundo da poesia.

No segundo ano do Sarau, em 2019, a partir de um projeto de extensão homônimo realizado no âmbito do Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cajazeiras - surge a primeira Antologia Poética Poesia de Quarta, concurso literário que selecionou 14 poesias numa publicação em livro. Importante ressaltar que nove poetas estreariam no mundo literário. O projeto também pôde incentivar a economia de recursos necessários à impressão dos exemplares do livro, realizando tal impressão na própria cidade de Cajazeiras-PB. Além de fortalecer a realização do sarau mensal, também proporcionou aos estudantes do IFPB, bolsistas e voluntários, a produção de conhecimentos relacionados à diagramação de livros.

Em 2021, em um contexto de pandemia e isolamento social, como forma de manter acesa a chama poética, foi organizado um novo concurso literário para a composição da 2ª Coletânea Poesia de Quarta. Mais

de 70 textos foram inscritos e um total de 30 foram contemplados para compor a coletânea. O público que participou da seletiva foi bem diverso, numa faixa etária que variou de menores de 18 a maiores de 60 anos. As mulheres se destacaram nesta edição, com 13 poetisas selecionadas (na edição anterior foram apenas quatro). Sobre o total do público inscrito, 78% das inscrições foram oriundas da comunidade externa ao IFPB, revelando a força da extensão cultural da instituição. Além disso, foram inscritos o percentual de 9% dos servidores e 12% de estudantes do IFPB.

Após (re)migração de um de seus articuladores, o bibliotecário e parceiro cultural Daniel Andrade, o Sarau foi ampliando seu leque geográfico, chegando ao território de atuação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) - Campus Pesqueira, unindo o Vale do Piranhas ao Vale do Ipojuca, ambos encravados nos sertões do nordeste brasileiro.

A partir de uma ação conjunta entre o IFPB e o IFPE, eis que chegamos à presente 3ª Coletânea Poesia de Quarta. Em linhas gerais, buscou-se: a) contribuir com o fomento da produção literária no âmbito do IFPB e IFPE; b) incentivar a escrita de textos literários, por meio de uma publicação editorial; c) estimular a produção textual e o interesse pela leitura; d) con-

tribuir para o aumento do repertório simbólico dos estudantes, servidores e de pessoas da comunidade externa; e) ampliar as ações de cultura na área do livro e da leitura.

A seleção para a presente antologia contou com o expressivo número de 57 submissões de poesias, sendo a maioria oriunda da comunidade externa, com 29 submissões. Registre-se também a participação de 24 unidades do IFPB e 9 do IFPE. Este dado revela capilaridade interna do processo de divulgação e interesse geral dessas comunidades acadêmicas na produção poética.

Outro dado decisivo chama a atenção: a despeito do foco nos territórios de atuação das duas instituições mencionadas, tivemos a alvissareira surpresa de identificar inscrições de todas as 27 unidades da federação brasileira. Isso revela a amplitude de alcance do Coletivo Poesia de Quarta e de um certame com as características que temos e, ao mesmo tempo, amplia as perspectivas de atuação deste e de suas futuras incursões.

Os 30 textos aqui publicados marcam a diversidade de perspectivas, gêneros, idades, matizes e temáticas, caráter já consagrado no Sarau Poesia de Quarta, revelando olhares multiformes que se integram em um todo poético. Podemos afirmar que tanto a

seleção quanto a presente obra, a exemplo da base que as sustentam - o Sarau Poesia de Quarta - já figuram com contundência na produção e divulgação das artes, principalmente sertanejas, porém arquitetando-se, agora, com novas pontes, novos olhares e novos horizontes.

À leitora, ao leitor, desejamos um proveitoso e frutivo passeio!

Diego Nogueira Dantas

IFPB - Cajazeiras

PRESERVE A NOSSA FAUNA

Caro leitor, se aproxime
Vamos numa boa prosa
Falar sobre coisa séria,
Nossa fauna preciosa.
Que vítima da ambição,
Corre risco de extinção
E toda vida é valiosa.

Eu sei que não deveria,
Mas é algo necessário.
Até quando fingiremos
Que está lindo o cenário?
Não adianta fazer de conta
E não veja como afronta!
Muito pelo contrário.

A fauna representa
Um conjunto de animais
Que convivem em biomas
Diferentes dos demais
Em equilíbrio a natureza,

Tudo fica uma beleza
E ganha o homem muito mais.

Deus criou nosso mundo
Com tamanha perfeição
Cada coisa em seu lugar
Assumindo uma função
Desfazendo essa cadeia,
Tanto mal desencadeia
Resta só destruição.

Nosso país é tão rico,
Com biomas tão diversos
Mata Atlântica, Caatinga,
Onde estamos hoje imersos,
Amazônia, Pampa, Pantanal
Veja que sensacional!
Um Cerrado de universos.

Em cada um desses biomas
Tantos animais sofrendo.
Pelas ações do bicho homem,
As espécies vêm morrendo.
A mãe natureza chora

Vendo mortes a toda hora
E o mal prevalecendo.

Sob mais de mil espécies
Paira a sombra da extinção.
Diversos animais sofrendo
As consequências da ação.
Do bicho homem predador
O principal causador
Dessa grande maldição.

É uma lista muito grande
É importante assinalar.
Sapo-folha, Jacutinga,
Jacu, Arara-azul-de-lear
Cachalote, Queixada,
Fura-terra-pintada,
Dá tristeza até falar.

Ararajuba, Ariranha,
Morceguinho-do-cerrado.
Até o Boto cor-de-rosa
E o Mico-leão-dourado.
Preguiça de coleira,

Préa, Tamanduá-bandeira,
Onça-pintada e veado.

Os peixes também compõem
Essa lista vergonhosa.
Hoje são tantas espécies
Sob essa sombra tenebrosa.
Uma perda imensurável,
Tragédia irreparável,
Altamente perigosa!

No tráfico de animais
As aves são preferidas.
Pequenas, fascinantes,
Facilmente adquiridas.
Na internet ou na feira,
Expostas na prateleira,
Livremente são vendidas.

No ar, na terra ou no mar
Não existe segurança.
A fauna geme implorando,
Pede por uma mudança.
Um olhar mais carinhoso,

Um gesto cuidadoso
Que lhe traga esperança.

Tem que haver leis severas,
Punição mais efetiva.
Não podemos tolerar
Essa prática nociva.
Que afeta diretamente,
Sem avisar previamente
O ecossistema e a vida.

Os animais pedem socorro
Escute-os com atenção.
Basta de desmatamento,
Queimadas e poluição!
Tráfico e caça ilegal
Tudo isso nos faz mal.
Chega de destruição!

Nosso país é muito lindo
Rico em biodiversidade.
Fauna e flora em equilíbrio
Devem ser prioridade.
Ou então condenaremos

De uma vez decretaremos
O FIM para humanidade.

Agora vou me despedir,
Pois cumpri minha missão.
Pra essa causa importante
Estou chamando atenção.
Nossa fauna ameaçada,
Pelo homem maltratada
Clama por preservação!¹

¹Daniela Souza Silva: cria da periferia de Salvador, mulher negra, mãe e professora. Defensora da escola pública, atua como professora de Língua Portuguesa na rede municipal de ensino, onde ministra aulas e desenvolve projetos de incentivo à leitura literária. Uma aprendiz na arte de cordelizar, amante do livro, da leitura literária e da poesia de cordel.

HISTÓRIAS DE SERTANEJOS I

Certo dia alguns amigos
Juntaram-se pra conversar
E falavam sobre a vida
Sempre tinham o que contar
E o compadre Sebastião
Lembrou uma ocasião
Que sofreu pra se acabar.

Porém hoje vê é graça
Daquele seu sofrimento
Assim propôs aos amigos
Que lembrasse algum momento
Qualquer fato inusitado
Que alguém tenha passado
De sorte ou constrangimento.

'Leleco' falou primeiro
lembrando-nos de um certo dia
Que na casa de um parente
Comeu tudo o que'le via,
'Toicinho' de porco, buchada,

Bolacha, doce, coalhada
Bolo, uva e melancia...

Mugunzá na sobremesa,
Tira gosto com bicada.
Só sei dizer meus amigos
Que na alta madrugada
Sonhando e suando frio
Se acordou com 'uns arrepio'
E com a pele encaroçada.

Pior que naquele tempo
O banheiro era no mato
Um cercadinho de arame
Desse jeito o seu formato
E pra sair no terreiro
Só com luz de candeeiro
Ou caminhando, no tato.

Disse que 'tava' na rede
Quando teve um pesadelo
E sonhou já se cagando
Pense aí que dismantelo.
Meteu o pé na parede

Do salto que deu da rede
Torceu logo um tornozelo.

Abriu uma porta ligeiro...
Gemendo pra se acabar
Num escuro da 'molesta'
Nada podia enxergar
Numa 'moita' se abaixou
Tirou a roupa e ficou
Aliviando o 'bocá'.

Passada uma meia hora
De dor e de sofrimento
As cólicas tinham acabado
Porém lhe sobrou lamento
Sem ter com que se limpar
Começou a tatear
As folhas do seu tormento.

Meu 'cumpade' a desgraceira
Não foi a dor de barriga
Sem querer botou a mão
Num partido de urtiga
E na falta do papel

Ele limpou o anel
Com as folhas dessa 'bixiga'!

Pense aí numa corseira
Quando a 'bicha' reagiu
E o 'home' deu uma carreira
Que só o grito se ouviu
Todo mundo no terreiro
Acendeu o candeeiro
Mas oxente, ninguém lhe viu!²

²Wagner Leal Guimaraes: é natural de São Paulo, mas é nordestino por opção. É poeta, cordelista e declamador. Participou da 1ª e 2ª Antologia da Sociedade dos Poetas e Escritores de Pesqueira-PE (SOPOESPES), participou também dos livros da 3ª, 5ª e 7ª edições do Festival "Vamos Fazer Poesia de Serra Talhada-PE".

ABRE O RESTO

Abre a porteira pra chuva
Entrar de peneira fina
Talhando o vento gelado
Pousando sobre a menina
Abre todos os caminhos
Traz compotas de carinho
Feitas de cacos de estrela
Meladas na cor da nuvem
Macias como a pelugem
Do verso qu'ei de fazê-la

Abre, mas abre com gosto
Teu sorriso da janela
Decompõe a paisagem
É o céu sob nova tutela
Abre um novo motivo
Pra que este pulso cativo
Marque corra sangue e bata
Reaperte os ponteiros
Corpo, alma, eu inteiro:
Palhaço leão acrobata

Abre o resto coração
Regaça pelo desejo
Não passe mais um minuto
Podando o tom do latejo
Abre pra nova moldura
Talhada sob a loucura
Composta por sacrilégio
Formada de puro vento
Que rápido ou sonolento
Abraça teu corpo régio

Abre a boca para o mundo
E os olhos e o peito
Deixa a alma flutuando
Nos sonhos desse sujeito
Abre todo meu espaço
Nas contas do teu abraço
No tempo interior
Pois belo mesmo é teu riso
Que ao fitar o improviso
Silencia o cantador.³

³Ivaldo José de Aguiar Júnior: mantenho-me em arte, pra seguir vivo. Desenho desde que me entendo por gente e permaneço. Em algum momento do percurso fui apresentado a poesia e descobri que era a forma escrita que mais me interessava e desde então venho praticando e estudando, pouco a pouco. Noutro momento enveredei no cinema e nas artes de imagem em movimento, roteiros e sons. A música é fermento pra vida e nela também sigo.

PROTESTE⁴

O

A P I T O

A P T O

A O

A T O

A T O A

⁴Matheus Diniz Ariete: é entusiasta da comunicação e da literatura poética, com textos publicados nos livros "Sonhos de feliz cidade" e "Outros olhares na literatura paraibana" ambos pelo Sebo Cultural. Sua principal obra é "Izabele, Lucas e Jonas" que sustentam a base de inspiração do autor.

MENINAS E MULHERES

Casa abrigo, proteção?
Lá não é um lar
A louça sagrada da ceia
Estilhaçada

A cama, repouso do corpo-
Território devastado.
Forçada ao ato-maus-tratos
Corpo invasão, violação
Estado-família desproteção.

Na cavidade uterina não
Comportando outro ser,
Restos de corpos

Sequestro da pureza e da
Inocência da menina
Medo, vertigem do horror

Escuro são seus dias
As noites claras

Sem ser dia de verão

Chove na face das meninas e

Mulheres

Purificando as marcas de um

Tempo sem dor.⁵

⁵Antônia Kátia Alves do Nascimento: é natural de Campina Grande-PB. suas inspirações se baseiam na contemplação dos seres e em tudo que permeia sua vida, encontrando na poesia sua forma de expressão. Teve dois poemas publicados em coletâneas pelo IFPB.

QUEM DESCOBRIU O AMOR?

Quem foi que descobriu o amor?

Será que foi Adão e Eva

Sansão e Dalila

Um casal de gorila

Será que foi Jesus e Madalena

Na praia de Iracema

No carnaval de Salvador

Será que foi Romeu e Julieta

Num rabo de cometa

Fugindo pra Moscou

Será que foi Corisco e Dadá

Que foram namorar

No meio da caatinga

Quem sabe papai e mamãe

Brincando de Tarzan

Na Ilha da Restinga

Quem sabe Lampião e a Maria

Em uma noite fria

A luz de lamparina

Talvez John Lennon e a Ioko
Quem sabe dois cabocos
Ou duas meninas
Quem descobriu o amor?
Quem foi?
Eu quero agradecer⁶

⁶Elinaldo Menezes Braga: artisticamente conhecido como Naldinho Braga, é professor da Universidade Federal de Campina Grande, onde também atua como pesquisador e Coordenador do Núcleo de Extensão Cultural. Tem produção literária voltada ao público infanto-juvenil, com dois livros publicados, e é músico compositor, com alguns discos disponibilizados nas plataformas digitais.

MOEDOR DE GENTE

Chove.

Chove laranja,
Amarelo cor de manga
As gotas vivas a crepitar

Chove bem longe, trazendo a quentura
Lá fora eu vejo o mundo acabar

A palha caindo
Preta, desiludida e feia
Não consigo respirar

Trabalho cansado
No meio do mato, na terra vermelha
Ninguém nota, ninguém vai me notar

O grão ressentido guarda consigo
O calor que emite
E esse vento, vem me salvar?

No sopro longínquo eu sinto um arrepio
De onde tá vindo? Já vem me buscar?

Continuo sozinho, suplico e suplico
O dono é ruinzinho
Cana eu tenho que cortar

Da força do meu braço, enriquece sentado

O suor escorre,
Caminha e
Morre

A onde será que isso vai dá?

Junto comigo o facão meu amigo
Mais um dia e o trabalho vai acabar

E se deus permitir
Na terra vermelha, que deveria ser preta
Deitado em sete palmos de areia
Eu vou descansar.⁷

⁷Ingryd Luana Carneiro Da Silva: «Luana Carneir», 26 anos. Bióloga nascida em João Pessoa e estudante do curso de Letras Português. Uma das autoras da antologia "Tantas Palavras" (Editora Sanhauá) com o conto intitulado "Presente" e também selecionada na antologia "O que germina da energia feminina" (Coelum Editorial).

CASAMENTO⁸

Tua santidade não te protege.
O vestido pecaminoso.
Teu olhar absolvido.
Aquele dia, jamais esquecido.
Todos julgaram:
Repugnaram:
Pediram que'u parasse.
E durante essa tensão
A consagrada tu espalhas
Um bom homem do senhor.
Calmo e gentil
E a hóstia tu partes.

⁸Maricléia Da Silva Nascimento: tem 21 anos e atualmente é estudante de Redes de Computadores, no IFPB. Criei paixão por poemas no 2º ano do ensino médio, através da professora de língua portuguesa(poetisa pessoense)que por meio das aulas recitava e apresentava poesia em forma de palavras; desde então, o que antes daquele ano era distante, se tornou uma forma de expressão constante em minha vida, e que acredito ser necessária para todos os sensíveis de coração adicioná-la em suas vidas.

SAUDOSA MARIM⁹

Saudade do alto da sé
Da brisa que vem do mar
Do baque que vem no ar
Da história sob meu pé
E não é uma história qualquer
Guerra, combate, invasão
Teve até revolução
Cosmopolita vila mundial
Reconhecido polo cultural
Pernambuco é tradição

⁹Eduardo Gomes de Lucena: é artista Visual, Designer Gráfico e Pesquisador. mestrando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGAV/UFPE). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, Fotografia, Ilustração, Design Gráfico e Linguagens Contemporâneas. Atualmente é Técnico de Laboratório em Artes Visuais no Instituto Federal de Pernambuco - IFPE Campus Olinda.

ANTROPOFAGIA DE ACADEMIA?

Comecemos por dentro
Das escolas
Existem leis que garantem
O imaginário
Das identidades construídas
Nas matas
Nos becos e breus

Mas a academia não cabe
Dentro
Dos espaços cheios dos
Povos originários
E dessas raízes vindas de África
Maiores até que
Os cumarus
De vinte metros
Da caatinga

A terra tombada
E uma nova igreja se ergue
Mas pague o dízimo em dia

Obedeça aos dez mandamentos
E não se envolva em política
Eles não se importam realmente com o povo

Confunda antropologia
Com antropofagia
Venha pra esse mundo
Mostrando sua cara

Mesmo um pensamento ocorrendo
Tudo é político
Não nos permitem aprender
Sobre os povos
Desta terra
Se nos livros didáticos
Ainda acham que isso tudo
É muito selvagem
Para ser ensinado
Ou qualquer coisa que não seja comercial¹⁰

¹⁰ Tainara da Silva Andrade: é produtora cultural, com a realização de projetos como o Mulherio das Letras Sertão e o Laboratório Criativo de Arte, ambos aprovados pela Lei Aldir Blanc (2022), além da idealização e construção do Espaço Multicultural Celeiro Antropofágico (2019) e organizações de saraus e eventos pelo sertão cajazeirense. Também é escritora, tendo aprovado um livro pelo Edital Lua Negra, da Editora Triluna, de João Pessoa-PB.

SONETO DA SAUDADE¹¹

Da insistência na ligação
À presença quando precisei
Do amor, que pouco mostrei
E o exemplo em dedicação

Do tempero, que eu sinto falta
O "ô meu filho", que nunca parava
Do temperamento, que a fome matava
E o estar disponível, só por tua causa

É sempre um aperto em meu coração
Uma nova saudade insistente em voltar
Outrora anônima nessa implicação

E quando penso, eu logo choro
Queria em sonho, assim, resolver
O que resolveria somente em teu colo

¹¹Bruno Neiva Moreno: gosto de escrever, especialmente poesias. Não sei se meus poemas me consideram um artista, mas se a arte é a materialização dos nossos sentimentos, e se (e quando!) pessoas têm seus sentimentos identificados por meus poemas, sinto-me, portanto, um artista. Um artista que está em constante processo de formação e transformação pelos altos e baixos da vida e conduzido pela mão do mais nobre artista: o Criador!

LUIZ DANTAS QUEZADO
O MAIOR GLOSADOR DO BRASIL

1

No dia cinco de julho
Lá no sertão Caiçara
O Luiz Siqueira Dantas
Nesse mundo deu a cara
A Ribeira de São João
Com amor lhe aguardara

2

Oitocentos e cinquenta
Ano que ele nasceu
O Poeta paraibano
E no Ceará viveu
Seu Luiz Dantas Quezado
Sua história escreveu

3

São João do Rio do Peixe
Sua cidade natal
Tornou-se Antenor Navarro
Homenagem especial

Para esse pessoense
Político estadual

4

Ao sertão de Cajazeiras
Essa terra pertencia
O Poeta se inspirava
Na vida que ele vivia
A roça e os animais
A paisagem do dia

5

Maria de Jesus Dantas
Foi o seu encantamento
Desse amor vieram os filhos
Um bonito casamento
Chateaubriand e Estefânia
Graziela outro alento

6

No folclore nacional
O Poeta é adorador
Como o maior glosador
Ele é considerado

No chão do nosso Brasil
Reconhecido e amado

7

Muito bem intitulado
Um só livro editou
Foi o "Glosas sertanejas"
Em vinte e dois publicou
Florêncio que era Jota
O livro prefaciou

8

" Eu me chamo Luiz Dantas
Meu natural eu não nego,
Nasci na 'tábua lascada'
Me criei na 'caixa-prego'
Apanhei de um aleijado
Corri com medo d'um cego

9

Que o cantador é pabo
Diz o dito popular
Enaltece sua obra
Como espetacular

Luiz Dantas ao contrário
Glosava para brincar

10

Está lá no livro Glosas
Essa apresentação
Obra rara de encontrar
Pra quem faz a coleção
No ano de vinte e cinco
Ganhou uma reedição

11

A iniciativa partiu
Do senhor Paulo Quezado
Sobrinho de Luiz Dantas
E um grande Advogado
Chegou a ser presidente
Da OAB do Estado

12

Nesse livro de Luiz
O poema "A Bicharia"
Se tornou muito famoso
Que até questionaria

Poetas que indagaram
Sua nobre autoria

13

O Poeta Luiz Dantas
Não tinha a vaidade
De querer ser o melhor
Ou de deter a verdade
Levava na brincadeira
Dotado de humildade

14

O Poeta menestrel
Foi muito considerado
Como o maior glosador
Desse País adorado
O poema "A Bicharia"
Na História é bem lembrado

15

Quanto a esse poema
Teve um questionamento
Uma espécie de peleja
Que ficou no argumento

O Poeta Leonardo
Opinou o seu intento

16

Em seu livro " Cantadores"
No ano de vinte e um
Leonardo Mota falou
Com Poetas em comum
Disse que "A Bicharia"
Não é de Luiz nenhum

17

Essa opinião ficou
Escrita em seus anais
Para ele o poema
Era antigo por demais
O Poeta Luiz Dantas
Não versou ele jamais

18

O Poeta Luiz Dantas
Estando em Fortaleza
Visitou o Leonardo
Com a sua gentileza

"A Bicharia" era sucesso
Isso era uma certeza

19

Lá na Mala de Romances
Arievaldo indagou
Como ovo e a galinha
Qual o primeiro que chegou?
Quem escreveu "A Bicharia"?
Luiz foi mesmo o autor?

20

O poema sertanejo
Foi bem reverenciado
Até Zé Ramalho fez
Uma música inspirado
"Bicharia" é conhecido
Em poesia é cantado

21

Qual o autor da "A Bicharia"?
Isso deu o que falar
É o Leandro, ou o João?
A pergunta foi pro ar

O autor é Luiz Dantas
Que botou foi pra calar

22

O Poeta consagrado
Referência já virou
Leonardo ou Leota
Talentoso Escritor
Secretário de Estado
Foi um admirador

23

Na peleja da autoria
Quem ganhou foi o autor
No livro de Leonardo
"Cantadores" ficaria
Luiz Dantas bem famoso
Poeta da "Bicharia"

24

"nem todo pau dá esteio"
Poeta Luiz falou
Escreveu as suas glosas
Cinco de abril nos deixou

Em novecentos e trinta

O Céu lhe abençoou¹²

¹²Maria de Fátima Araújo Teles: é mestra em Estado, Governo e Políticas públicas (FLACSO); especialista em Direitos Humanos (UFCG); Historiadora - Professora efetiva da Rede Pública Municipal de Brejo Santo-Ceará; Escritora, Poeta e Cordelista.

POUR UN SOUVENIR

In memória dos duzentos anosde António Gonçalves Dias

Ingente palmeira,
Retorno sozinha,
Chorando, mesquinha,
O amor que perdi!
Acaso inda lembras
Das frescas manhãs,
Das tardes louças
Passadas aqui?

Acaso inda lembras
Dos dois namorados
Outrora abraçados
À sombra de ti?
Dum bravo guerreiro,
Nação Potiguara;
De mim, Tabajara,
A bela Araci?

Palmeira, inda lembras
Dos tempos de paz

- Que não voltam mais-,
Distantes de nós?
Em que nossos povos,
Amigos, irmãos,
Uniam as mãos
Em uma só voz?

Mas eis veio a guerra
C'os vis estrangeiros
E os nobres guerreiros
Tomaram a lança:
Em nome dos lusos
Meu povo lutou;
O dele ficou
C'as armas de França...

Ingente palmeira,
Retorno sozinha,
Chorando, mesquinha,
O amor que perdi!
Só para lembrar-me
Das frescas manhãs,

Das tardes louças
Passadas aqui...¹³

¹³Lucas Ramon Porto de Assis: é historiador e entusiasta da poesia. Além da graduação em História (UEPB), atualmente encontra-se concluindo o curso de Letras Línguas portuguesa e francesa (UFCG). Além de haver já publicado duas coletâneas de poemas de sua autoria, «Ad Parnassum» e «Cantos Românticos», em 2022 e 2023, respectivamente, participou de antologias poéticas variadas, em livros, coletâneas e revistas.

DIFERENÇAS E IGUALDADES

Do que adianta julgar?
Alguém por ser diferente,
Seja por raça, religião
Parece meio incoerente,
Seja branco ou seja preto
Ser diferente não é defeito
Defeito é não ter mente.

E se fôssemos todos iguais
Que graça o mundo teria,
Afinal, cada pessoa
É a própria poesia.
Oh se acabasse o preconceito!
Com a venda de mais respeito
Nas bancas de loterias.

E essa tal sociedade
Que escraviza os olhos em um padrão,
Que discrimina e menospreza
Sem sequer ter direção.
É preciso ter paciência

E com a força da consciência
Aprisionar a escravidão.

Que escraviza o racismo
A xenofobia o preconceito,
Escravizando uma população
Tirando toda a paz do peito.
Somente uma dose de amor
Pra curar toda essa dor
E entender o que é respeito.

Ser negro não é estranho
Estranho é quem não pensa,
Desprezando o diferente
Maltratando com ofensa.
Estranho é não lembrar
Se tudo isso compensa.

Nesta vida somos iguais
Mesmo sendo diferentes,
Cada um tem o seu jeito
De seguir feliz pra sempre.
Seja paz e mais amor
Reforçando esse clamor

Digo e repito consciente,
Seja branco ou seja preto
Ser diferente não é defeito
Defeito é não ter mente.¹⁴

¹⁴Isaque Carolino de Sousa Abreu: é poeta cordelista, possui publicação de poemas e cordéis em algumas antologias literárias, entre elas, a II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB; VII Mostra de Poesias organizada pela CCBNB - Sousa e participação em várias edições do concurso literário LERARTE da cidade de Cajazeiras.

PELAS BEIRAS

Depois de campina
Tudo é bêra.
Só abro a cortina dos meus ói
Quando chega em soledade
Sinto-me longe da cidade sem fim.
Daqui para frente só estrada de sentir:
Um queijo coalho com café
E eu já devo saber até
Quantas pedras tem
No calçamento daqui pra cajazeiras,
Mas aprendi a cultivar
Todos os olhares que me enxergam
Para serras.
Juazeirinho é passagem que se abre
Calor danado é patos, meio caminho andado.
Castanha boa é a de bêra de estrada de junco.
São bentinho, condado, aparecida
Pelas miudezas
Fico sempre a pensar
Como existiria por aqui?
E as literaturas me respondem.

Pombal é estrada cantando a lonjura
Da ansiedade de chegar em casa.
Sousa vai sendo a partida
Para o lugar do meu coração.
Quantas viagens me guardam
Para ser o que o sertão me é.
Só me convenço das minhas vindas
Quando o vento do aracati bate
E vó sorri com os olhos.
Tudo me recomeça.¹⁵

¹⁵Hyolitta Adrielle Costa de Araújo: pandeirista e poeta.

TERRA

Como a selvageria no choro da criança
A raiva no silêncio metuculoso que no grilhão dança
Da pele cor de letra na folha cor de vazio
Eu já era terra quando subi em um navio.
Filho, avô, pai e filho
Pai com uma descendência que tarda em se retirar
Filho com a cor do errado,
Sempre corado demais para testemunhar
Castelo preto
Quilombo branco
Outra cor que se esperar
Volta reintegrando com tuas armas
Amada terra sem cor
Torna-se parda!
Toma pra si do teu próprio fruto de um caule tão
largo, manchado com 400 anéis de pai,
Avô, chicote e África
Eu já era terra preta quando
O braseiro começou dourar
Caminha de sul a norte sem usar o peabiru
Com bandeiras antes

Para de seus próprios crimes testemunhar
Tomando pra si das mãos erradas
Eu já era terra quente quando quis me desafiar
Expostos os bárbaros
Que ao esperar quinhentos anos teriam partido cedo
Filhos de uma rainha
Príncipes de tronco
Princesas aparecida
Realeza sem reino
De novo ou de primeira
Salvos pelo constrangimento estrangeiro
Trabalho, vitória, prêmio e terreiro
Eu já era terra livre quando pensou em me soltar
Crescer sem poder de crença
Um canudo para curar toda doença
Eu já era terra em guerra quando vieram almoçar
Sem convite e sem cor
Para quem ouviu, pele, ossos e poeira se aconselhou
Volta a cor das tuas mágoas
Para o sertão sem sertanejo
Mas não volta de lá sem levar
O problema de uma cidade de janeiro
Eu já era terra seca quando me deixou para voltar
Poste e fio, rádio e pilha

Pilha e pilhas na concentração
Que agora fraca corre a seca
Todo pé que marca o chão
Vê a fortaleza, mas não chega
Volante sem guia foge da escuridão
Faltou chuva e não há volta
Pra quem se perde na concentração que se arar
Infelizmente pra quem não é digno no fim do túnel
sempre tem um lampião
Eu já era terra sépia,
Quando maria foi lhe acompanhar
Veio a chance e quem pegou viu a cor se aclarar
Raça, caça, valioso ou tremembé
Era chuva no meu medo sem teto
Mas sob a cobertura, água brotando por baixo do pé
Eu já era terra afogada quando me deslizei pra lá
Trouxe até aqui os melhores guerreiros e lhes cativou
ao paraíso tomado pelos demônios
Arma-os com trabalho e lhes entrega
Apenas os teus sonhos
Virão anjos em negação e deus por testemunha
Na própria incriminação
Pois seu nome foi citado e se em vão ou não
Já deveria tê-los queimado

Antes mesmo do meu choro de criança, do meu navio
Encalhado, do meu quilombo queimado, do
Meu brasil zedezenhado
Eu já era terra indígena antes de tudo começar.¹⁶

¹⁶Emanuel Luciano Lunes Medeiros: é poeta e fez sua estreia no mundo das letras na "Antologia Poética Poesia de Quarta".

30 DE ABRIL¹⁷

Tão pouco é o tempo,
escritor das histórias.
Dono dos momentos,
das dores e das glórias.

Tão longo é um dia,
que insiste em ser igual aos outros.
Preso em sua monotonia,
está tão predado que perdeu o gosto.

E o futuro inócurrete,
agora virou passado,
pois joguei fora o meu presente.

Em um viver tão degradado,
da vida de um impotente,
que vive um dia inacabado.

¹⁷Isac dos Santos Oliveira: Sou natural de Maceió-AL, resido do município de Garanhuns-PE, e sou formado em meio ambiente pelo IFPE Campus Garanhuns. Escrevo desde 2018, tenho ao todo 193 poesias escritas, venci alguns concursos escolares, e recentemente estou me dedicando a participar de concursos nacionais e internacionais de poesia.

TEMPO

Não guardo mágoa do tempo
Mas minha relação com ele às vezes é de riscar faca.
Porque ô bixo brabo é hora empedrada,
Que quando empaca feito cisma de mula,
Deixa passar uns dez anos, mas o instante esperado
Fica ali,
Distante
Jogando a gente numa buliçãõ dos diabos.

Mas eu não guardo mágoa do tempo, não
Mesmo ele sabendo que eu não ando no passo dele
Mesmo ele sabendo que eu não
Ando
E, de me atropelar quando ele quer sossego,
Já contou umas mil vezes
Eu dando com os burros n'água
Parece que tem gosto

Mas é aí que eu chego perto do segredo
Nem espio a hora aboletada no relógio parado
Me afasto do tiquetaquear dos segundos

E já sucede o dia não percebido

Eu acho que tempo gosta mesmo é de passar sozinho¹⁸

¹⁸Thaysa Maria Braide de Moraes Cavalcante: Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará, mestra em Linguística Aplicada pela mesma universidade. Professora EBTI do Instituto Federal de Pernambuco Campus Pesqueira.

2023: EU, NÓS, VOCÊS

2023

Eu

Nós

Vocês

Um passo

Abraço

Mais perto

Que certo

Eu vim

Eu vou

Já fui

Pra onde?

Não sei

Você irá também?

Preciso

De ajuda

Me encontra

Falar
Estar mais perto
É alma
É calma
Remédio

Depois
Do fim dos tempos
Onde estão
Os medos?

Na raça
Na arma
No grito
Mulher, criança, asilo

Precisa amar
Tem que lutar
Parar de matar
Escravizar

Cadê o amor?
Só tem a dor!
Cadê o céu?

Só tem o fel?

Contra o mal

Pelo bem

Tudo zen

Luta e Direitos

Atendam os pleitos

Respeitem os pretos

Vivam mulheres e gays

2023: eu, nós, vocês¹⁹

¹⁹Sibele Dumke Leite Tórres: é licenciada em Letras Português e Espanhol, escreve textos em prosa e poesia desde o ano de 1997, com ênfase em temas voltados ao universo feminino e valorização dos grupos em questões de vulnerabilidade social.

LUIZA, LÁPIS E CADERNO NA MÃO

De pele cor de jambo, olhos grandes, nariz afilado;
Sorriso largo, cabelos pretos, mãos macias
e voz doce que acalma.

Essa é a pequena Luiza no seu mundo encantado.

Com caderno e lápis na mão,
gosta de desenhar pequenos corações.

Para cada emoção que sente, senta ao chão...

Começa a rabiscar e pensa:

Esse mundo é ilusão!

De emoção, em emoção, ela reflete sobre suas ações.
Ação de sentir, ação de respirar, ação de agradecer;
Pelo dom da vida e pelas belezas
que seus olhos estão a contemplar.

A pequena Luiza, com seu caderno na mão,

Escreve seus sonhos e faz corações.

Sonha, em fazer muitas viagens.

Suspira pelos cantos e com o lápis na mão;

Se autorretrata com as malas nas mãos.

Luiza, flor pequenina, nunca deixe de sonhar,

Seja com o caderno, com o lápis

e com as malas a carregar.

Busque seus sonhos, de emoção em emoção,
Ouse a ação, do verbo: Sonhar!²⁰

²⁰Larissa Cavalcanti de Albuquerque: é assistente social, pedagoga, mestra e doutora em Educação.

CICATRIZ

Quando resolveste partir
Precisei enxugar o meu pranto,
Precisei segurar o choro,
Esconder que machucou.

Quando resolveste partir
Precisei estancar cada lágrima
Decepar cada palavra
Que o coração não calou.

Quando resolveste partir
Precisei lidar com tua ausência:
Pus-me a costurar a dor;

Então tu voltas, sorrateiro
Docemente, entorpecendo
Se achegando: todo amor!

Levantei, limpei o pranto
Ainda que doa tanto
Dessa vez, sou eu quem vou.

Em "Memórias", uma obra ainda não escrita.²¹

²¹Iane de Lira Bezerra: é estudante, poetisa e idealizadora do @portadecaos Instagram). Tem o poema "Partidas" publicado na 2ª Coletânea Poesia de Quarta.

LÍNGUA QUE COME, FALA, ANDA E VIVE

Eu gosto de escrever metáfora
que no literal não faz sentido
Verso que não rima
Estrofe que não combina
As palavras dançam em meus lábios ao recitar
o que foi escrito no dia anterior
Poesia fresca, sumo do limão, acidez cínica
Das palavras cortantes e agudas
Das letras macias e mudas
A leveza crua das frases de pluma
Dos versos pensados na rua
Língua faz parte do corpo, língua é identidade
Poesia traduzida perde um pouco do nome no caminho
Roçar meu corpo por livros nacionais,
pelo meu Brasil paradoxal e suas voltas e revoltas,
Roçar minha língua áspera, de gente, de bicho
que canta, nas correntes da morfologia das palavras
Na gramática presente no falar e no "faiá"
Roçar minha língua pequena, de gente, de bicho que voa
Nos bancos de praças públicas e por lá anunciar
estrofes com exageradas exclamações

Mastigar as nuvens e martelar cabeças de vento que
atrapalham os voos pela cidade
Confundir a prosódia das palavras às quais chamo e
canto pra ritmar diferente com minha boca
E beijar diferente lábios que comunicam,
ainda fechados
A onomatopeia do respiro pesado
O estrago da sentença manca
O desejo da mundana fala
A premissa da sintaxe imposta; limitada
E seus excessivos hipérbatos
no que se diz canção da nação
Gosto de sentir gosto de português
O português da desordem, não do desuso
Português falado e gesticulado
Na esquina, na escola, na estrada vendendo pipoca
Confundir o português da pátria, mátria,
ser "frátria"
E estar farta
De comida, bebida e saliva
De comida, bebida e mentira
O sotaque e pronúncia
Que escorregam o corpo
Encharcado pelo choro

Do luto, da luta, do voo
Do tiro que acertou o condor
e do fogo que incendiou a praça
Do trazer tragos e morrer cedo
Do ser livre e viver pouco
Mas mesmo assim continuar a gritar
E gostar, degustar, do que falo e escrevo
Sempre na invenção da aptidão com o que digo
Quando apenas vivo, respiro e caminho Brasil.²²

²²Luana de Brito Passos: poeta e proprietária do Instagram @acarnenua.

INSTRUÇÕES PARA COLHER LIMÃO

Escolha pessoas estratégicas

Para reconhecê-las,
Analisar o coração durante o abraço
(geralmente é gente
Que dança, que canta e ri)

Em seguida,
Conecte o desejo amoroso
Pela natureza e
Escolha ser feliz

Depois, num pliê
Ou numa agachadinha
Sem vergonha
Prepare o salto até a vulnerabilidade
E com um pouco de fé em si
Se lance para o carinho

Por último,

Segure firme nas mãos es
Colhidas
E com ajuda de amor
Tecimento ater
Rise
E solte o riso

Limão maduro é fácil
De colher²³

²³Aline de Souza Monteiro: é artista do corpo e da palavra. É mestre em Estudos Literários e professora de Itrananglês no IFPB. Engatinha catando as letras que encontra, leva à boca e as experimenta, combina seus sabores e as cospe em versos. Busca descolonizar seu corpo-território para (r)existir no mundo.

O BEIJO DA MORTE

Convidei-te a sentar-te à minha mesa
E contigo partilhei minha refeição
Fitei a ti com meus olhos em tristeza
Pois já sabia da tua trama e ambição.

Te alimentaste comigo no mesmo prato
Porém agiste com uma atitude ingrata
Me desprezaste, me vendendo no teu trato
E na quantia, trinta moedas de prata.

Sei, o teu beijo é ósculo da morte
Há nele o gosto da iminente traição
E quanto mim, não vejo quem me conforte
Amargo cálice de minha triste Paixão.

Abandonado pelos meus, acabrunhado
Vede meu corpo já na cruz, desfalecido
Eu em três dias estarei ressuscitado
Já para ti, melhor nunca ter nascido.

Vieste a mim com um beijo de falsidade
Eu ao beijar-te, apesar de minha dor

Chamei-te amigo, pois em minha amizade
O que havia no meu beijo era Amor.²⁴

²⁴Igo José Anselmo França: nascido em 9 de outubro de 1989, residente em Pirpirituba, filho de Isabel Cristina Anselmo França e do poeta cordelista José Luís de França Segundo. Adentrei no mundo da poesia por meio de incentivo do meu pai, com quem aprendi escrever cordéis. Além dos cordéis, possuo duas outras poesias publicadas em uma coletânea que reúne obras de outros poetas pirpiritubenses.

RÉSTIA

São tantas aves negras
Sobrevoando a poluição,
Pessoas perecendo
No meio do lixão.

Entre papelões e sacolas
Uma réstia sobressai
Clareia o pouco que resta
A esperança e nada mais.

O suor que escorre pelo rosto
Se confunde com as lágrimas da natureza.
É o esforço demasiado
Diante de tamanha pobreza.

Nas ruas a desigualdade,
O desprezo e a solidão.
Cata ali, cata acolá,
Que situação!

Mas sem perder a fé
De a vida mudar,
Mesmo com o pouco que acha
Para em casa nada faltar.²⁵

²⁵Suzana Nayara da Silva Aguiar: escritora desde os 15 anos de idade, quando no ano de 2010 escreveu o seu primeiro poema em homenagem a sua terra natal Catolé do Rocha/PB. Nos anos de 2012 e 2013 venceu os concursos de poesia realizado pelo Portal Sertão Nosso. Em 14/03/2023, lançou o seu primeiro livro "Versos de Menina, Poemas de Mulher", tendo como principal marca a composição de versos voltados para a reflexão sobre a vida, sonhos e direitos.

RÉQUIEM PARA UM POETA TRISTE

Não me iludas com pranto inexato
Se em tua memória apareço medonho
Se sempre fui malfazejo insensato.

Não me venhas assim bem-vestida
Se ao cárcere já me condenastes
Se me vestistes ao epílogo da vida.

Não me dediques palavras amenas
Se quando em vida te fui tão ingrato
Se minhas virtudes te foram pequenas.

Não queiras que um mártir eu pareça
Se ora a carne é só pó e lembrança
Se ao meu choro tu fostes avessa.

Não me ames pois não cabe mais
Não me aclames em retórica ardil
Se meus gritos não ouvistes jamais.

Não me adornes com tão falsas cores
Não te finjas com choro insincero
Se é tardia tua expressão de amores.

Pois fui verdade. Tu nunca flores.²⁶

²⁶Érico Israel Normando dos Anjos: possui poemas publicados nas obras: Antologia Poética - Prêmio CNNP/2017, 1ª e 2ª Antologias de Poetas de Paulo Afonso (2020 e 2021). É autor da página: www.facebook.com/retalhosdevida.poemas/. Conquistou o 1º e 2º lugares, simultaneamente, no 1º Concurso Interno de Poesias da UNEB, em 2001. Conquistou o 2º, 3º e 4º lugares em concursos de poesia da Semana do Modernismo de Paulo Afonso/BA.

ÁRVORE

Os olhos estão ociosos
é uma face de madeira
As formigas já encontraram
sua casa
E os pássaros já escolheram
seus galhos
Um ser morto cheio de vida é
o que é
Mesmo com olhos selados
E partes imóveis
De uma silhueta que um dia já
foi semelhante.
Os galhos quebram com o
excesso de peso
Que já não suportam
E o oco apodrece e de nada
serve as formigas para morar
Então as folhas amarelam e
murcham
Caem no solo de pedra e não
fertilizam nada

E a semente não germina
E a água não chega
Então a árvore morre
Seca
E o que um dia já foi algo
Entorta e quase cai
Gira e revira os órgãos de
vento de sua madeira podre
E os vermes já estão fazendo
seu trabalho
Adiantando o presságio da
morte
Sem se preocupar se logo
mais será a vez deles
A coluna tomba retorcida
Nada se mexe pois tudo
esteve morto por tempo
demais
E os pássaros não vêm
agrado
E as formigas não veem
comida
E o vento não toca mais os
olhos fundos

E a barriga não se enche mais
de vida que não era realmente
vida

Esses olhos sempre foram
oculos

E essa pele sempre foi vazia
Seus órgãos eram poeira
voando entre suas aberturas
E suas folhas nunca foram
verdes de fato.

Mas enquanto viva

Menos torta e menos morta
Abrigou vida enquanto pôde
E deu sustento aos que não
tinham

Nada feito.

Permanece no chão se
deteriorando ao tempo

Que nunca escapa de seus
trabalhos

Que sempre faz bem feito

E a árvore encontra as pedras
E não há lugar para ela sentir
pela última vez o mundo

Então cai dura
Sem vida e sem esperança
Diante da crua morte não tão
romântica
Como tanto romantizou em
sua triste vida.
Morreu oca e vazia
Nunca foi viva de verdade
Mas nunca teve coragem de
se dizer morta.
A árvore virou lixo
E o lixo virou terra
E a terra existe abaixo da
pedra
Que calça cada estrada que
nunca mais respirou com
vida.²⁷

²⁷Dayssa Paixão da Silva: é estudante e poeta.

O'POSTO

As oportunidades
As possibilidades
As escolhas
As alternativas
A busca

O foco
A luta
A jornada
A direção
O conhecimento

A disposição
O retorno
A convicção
As lacunas

São paradigmas
Que impulsionam
E desaceleram simultaneamente
Despertam e bloqueiam

Fazem viver e morrer
Sorrir e chorar
Se encontrar ou
Se perder
Vencer ou se permitir
Derrotar

Há tantos caminhos e
Escolhas entre
Sorrisos e lágrimas
Que a linha que
A tudo separa

É tão tênue
Quanto a fragilidade
De existir

E aquilo que a tudo
Diferencia
Não está além
Do que você mesmo
Pode acreditar
- ou insiste em acreditar

Todo princípio
Parte de um
Determinado ponto

Nascer
Não significa
- propriamente
Sair do útero
Do ser
Que o gerou

Muitas pessoas
Têm a chance
De renascer várias
E várias
Vezes em uma
Única vida

Retomam velhas
Estradas
Ou seguem adiante
O que separa
Ou define uma
Decisão

Está naquilo
Que é
Transcrito
Por tudo o que se nutre
Dentro de si
E em seu entorno

A sua capacidade
De tolerar ou
Compreender
Compõe aquilo que
Habita de mais
Humilde em sua
Alma

E são tantas pistas
Que se acredita
Que é sempre
Menos desgastante
Mudar o rumo
A rota

Afinal,
Nem sempre do

Que se acredita
Saber sobre a
Solidão
É verdadeiramente
O que ela
Quer dizer

O silêncio dos próprios
Pensamentos
É mais efetivo em
Sua verdade do que
Se supõe

Nem sempre o
Grito
É a melhor maneira de pedir
Socorro

Nem sempre o choro
Significa fraqueza
Ou mesmo o sorriso
Alegria

Às vezes, se corre

Maior risco
Enquanto cercado
Por pessoas

Andar a sós numa
Noite
Pode lhe fazer
Compreender e
Ouvir muito além
Dos próprios passos

Não se está vivo
Porque respira
A respiração
É o que dá
Sentido

Ao que se parece
Não ter
Explicação

Nem tudo precisa
Fazer sentido
Para se querer

Um pouco mais!

Não é tão simples
Estar em uma companhia
Quando a sós
O que lateja
Não é própria dor
Mas a dor
Do mundo

É quando se percebe
Que nem tudo que
Transborda é porque
Está verdadeiramente
Cheio
O vazio também
Pode confundir os
Sentidos

E o estado de alerta
Pode vir a causar
Distúrbios pelo
Lado de dentro

Tudo o que rouba
A paz
Não é válido para
Clarificar o interior

Somente mistifica
A real intenção
Dos atos

Os passos
A pausa
A cura
A força

O frio
A tarde
Os olhos
A crença
O oposto²⁸

²⁸Bhianca Marcelino Gonçalves: é estudante de Artes Visuais do IFPE Campus Olinda. É Escritora por amor nas horas vagas, tatuadora desde 2019, e ilustradora autodidata também desde 2019.

DEMISSÃO PRECOCE

Calma, não permita!
Desfaça essa carteirada
Urgente, preciso voltar!
Tenho toda uma vida trilhada
Precisam de mim lá

Estou no lugar errado!
Vou recorrer ao tribunal
Aqui tá um calor infernal
Se mexerem comigo
Vão se dar mal

Quanto mais apelo
Menos me ouvem
Que caixote é esse que me vela?
As leis me garantem
Talvez, só em tela

Estou indignado com tanto odor
Só olham para mim
Não permita que eu vá

Estou derretendo, que calor!

Vou agora na ouvidoria
Aqui está muito quente
Vou pegar o elevador
Se conseguir subir
Ainda irei reclamar!

O silêncio diz algo...
Para mim não há
Estou buscando uma saída
Mas a resposta não consigo achar

Eu não aceito ir agora
Vou impugnar!
Tanta gente chorando
Com um olho só, mas estão...
Acho que me querem reclamando
Alfinetes que só eu sei usar

Preciso avisar a eles
Aqui não é coerente
Só sei que está muito quente

Por favor, escutem este indecente
Não permitam que eu vá!²⁹

²⁹Benjamim Apolonio do Nascimento: reside em Santa Rita - Membro Acadêmico na AILB, Acadêmico Internacional na FEBACLA, Membro Acadêmico na ABHL, Membro Efetivo na AIL. Seu primeiro livro foi publicado em 2021:"Empatica Mente Poética".

ARTE BRUTA

Aqui não há nada
Pra polir
Sou pérola
Negra
Bruta
(In)lapidável
Não preocupo-me
Com polimento
Queria
Nunca polir-me
Habitar
Constantemente
As bordas
O que pra muitos
É feiura
Pra mim
É beleza sem fim
Já sei que
Sou
Fui
Serei

Centro e,
Não me ocupo
De esculpir meu corpo
Mas sim
Esculpir com ele
Sua gravura
Vivenciar seu aspecto
Rasurado³⁰

³⁰Augusto Henrique Lopes da Costa: nascido em 1993 na cidade de Coronel Fabriciano (MG) é Bacharel e Licenciado em Artes pelo IAD-UFJF, Especialista em Ensino de Artes Visuais pela EBA-UFMG e Mestre em Artes Visuais pela EBA-UFBA. Sua obra possui repertório em Objetos, Fotoperformance, Vídeo performance, Performance ao vivo e em Telepresença, Intervenções Urbanas, Instalações, Crônicas, Ensaios e Artigos científicos.

ÍNDICE DE AUTORES

- Aline de Souza Monteiro, 69
Antônia Kátia Alves do Nascimento, 24
Augusto Henrique Lopes da Costa, 92
Benjamin Apolonio do Nascimento, 89
Bhianca Marcelino Gonçalves, 81
Bruno Neiva Moreno, 34
Daniela Souza Silva, 11
Dayssa Paixão da Silva, 77
Eduardo Gomes de Lucena, 31
Elinaldo Menezes Braga, 26
Emanuel Luciano Lunes Medeiros, 52
Érico Israel Normando dos Anjos, 75
Hyolitta Adrielle Costa de Araújo, 50
Iane de Lira Bezerra, 64
Igo José Anselmo França, 71
Ingryd Luana Carneiro da Silva, 28
Isac dos Santos Oliveira, 56
Isaque Carolino de Sousa Abreu, 47
Ivaldo José de Aguiar Júnior, 21
Larissa Cavalcanti de Albuquerque, 62
Luana de Brito Passos, 66
Lucas Ramon Porto de Assis, 44

Maria de Fátima Araújo Teles, 35
Maricléia da Silva Nascimento, 30
Matheus Diniz Ariete, 23
Sibele Dumke Leite Tôrres, 59
Suzana Nayara da Silva Aguiar, 73
Tainara da Silva Andrade, 32
Thaysa Maria Braide de Moraes Cavalcante, 57
Wagner Leal Guimaraes, 17

SOBRE O LIVRO

Este livro é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX-2023/IFPE), em parceria com o Edital PROEXC/IFPB N° 01/2023.

A comissão avaliadora contou com a curadoria da bibliotecária Ialy Cintra Ferreira¹, do multiartista poeta e bibliotecário José Marcone dos Santos (Jimmy Marcone) e do poeta e historiador Roberto Ferreira².

Todos os textos são de responsabilidade dos autores e autoras, o IFPE, IFPB e os organizadores e colaboradores deste livro não se responsabilizam por plágios ou qualquer outra violação de direitos autorais de terceiros.

¹ <http://lattes.cnpq.br/8415883243544470>

² <http://lattes.cnpq.br/8863264376005817>

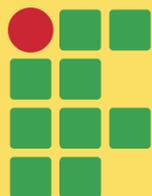


Lanuci Books é um selo editorial independente que faz parte do Coletivo Poesia de Quarta.

SOBRE ESTE LIVRO

Este livro é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX-2023/IFPE) em parceria com o Edital PROEXC/IFPB Nº 01/2023.

Todos os textos são de responsabilidade dos autores e autoras, o IFPE, IFPB e os organizadores e colaboradores deste livro não se responsabilizam por plágios ou qualquer outra violação de direitos autorais de terceiros.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Paraíba

IFPB Campus Cajazeiras:

Rua José Antônio da Silva,
nº 300, Jardim Oásis CEP:
58900-000.

